

**EDUCAÇÃO, TRABALHO E MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA REFLEXÃO CRÍTICA
DA EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL**

**EDUCACIÓN, TRABAJO Y MOVIMIENTOS SOCIALES: UNA REFLEXIÓN CRÍTICA DE
LA EDUCACIÓN POPULAR EN BRASIL**

**EDUCATION, LABOR AND SOCIAL MOVEMENTS: A CRITICAL REFLEXION OF
POPULAR EDUCATION IN BRAZIL**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.33758>

Acacio Figueredo Nascimento¹

Bianca Sthephanny Martins Gomes²

Resumo: As formas de trabalho estão sendo alteradas, juntamente com a destruição dos direitos sociais e trabalhistas da classe trabalhadora. Diante desse contexto é importante perceber que a fragmentação das práticas dos movimentos sociais é um desafio a ser superado. É essencial nessa perspectiva a compreensão do movimento da História, principalmente de ter uma inserção de forma crítica. Esse trabalho tem como propósito uma análise da relação Educação, Trabalho e Movimentos Sociais como possibilidade de uma reflexão crítica da Educação Popular no Brasil. Tem por objetivo tratar a relação Educação, Trabalho e Movimentos Sociais como pressupostos intrínsecos que se interligam, através da reflexão crítica da Educação Popular. A metodologia empreendida será a revisão bibliográfica, baseada na tradição marxista e nos fundamentos históricos, filosóficos e educacionais críticos com vínculos objetivos à transformação das relações sociais nos diversos campos – do trabalho, da cultura, da educação, dos movimentos sociais. Se conclui que há uma relação entre Educação, Trabalho e Movimentos Sociais nos processos educativos de Educação Popular. Acreditamos que a Educação Popular hodierna deverá estar vinculada aos processos educativos e tecnológicos dos movimentos populares. Esse pressuposto define o que seja crítico nesse campo.

Palavras-chave: Processos educativos. Movimentos Populares. Trabalho.

Resumen: Se están alterando las formas de trabajo, junto con la destrucción de los derechos sociales y laborales de la clase trabajadora. Dado este contexto, es importante darse cuenta de que la fragmentación de las prácticas de los movimientos sociales es un desafío que hay que superar. Es esencial en esta perspectiva entender el movimiento de la historia, especialmente para tener una inserción crítica. Este documento tiene como objetivo analizar la relación entre Educación, Trabajo y Movimientos Sociales como una posibilidad para una reflexión crítica de la Educación Popular en Brasil. Su objetivo es tratar la relación Educación, Trabajo y Movimientos Sociales como supuestos intrínsecos que se interconectan, a través de la reflexión crítica de la Educación Popular. La metodología será la revisión bibliográfica, basada en la tradición marxista y en los fundamentos históricos, filosóficos y educativos críticos, con vínculos objetivos a la transformación de las relaciones sociales en los diferentes campos de trabajo, cultura, educación y movimientos sociales. Concluye que existe una relación entre Educación, Trabajo y Movimientos Sociales en los procesos educativos de la Educación Popular. Creemos que la educación popular de hoy debe estar vinculada a los procesos educativos y tecnológicos de los movimientos populares. Este supuesto define lo que es crítico en este campo.

Palabras clave: Procesos educativos. Movimientos populares. Trabajo.

Abstract: The laboring ways are being changed alongside the destruction of social and work rights of the working class. In this context is important to notice that the fragmentation of the practice of the social movements is a challenge to be overcome. In this perspective, is necessary the understanding of History because of its insertion in a critical way. This paper has the purpose an analysis of the relation between Education, Labor and Social Movement as a possibility of a critical reflection of Brazil's Popular Education. Its aim is to manage Education, Labor and Social

Movement as intrinsic assumptions the connects one another through critical reflection of Popular Education. The methodology consists in bibliographical review, based on Marxist tradition and in the historical, philosophical and educational critical fundamentation with objective links to the transformation of the social relations in several fields – work, culture, education, social movement. It concludes that is a relation among Education, Labor and Popular Education in the educational processes of Popular Education. We believe that today's Popular Education is linked to the educational and technological processes of popular movements. This assumption defines what is critical on that field.

Key words: Educational processes. Popular Movement. Labor.

Queremos ensaiar uma ideia que a prática de Educação Popular no Brasil está sempre vinculada entre a relação trabalho, educação e movimentos sociais. Assim procuro revelar nesta relação suas raízes históricas e sociais, sem as quais a Educação Popular não constitui uma proposição substancial no campo teórico e prático do Brasil e da América Latina.

A categoria trabalho torna-se fundamental na análise aqui empreendida. Nos "Manuscritos Econômicos e Filosóficos" Marx traz uma análise importante sobre a alienação que o trabalho provoca no trabalhador. Consta que:

O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo das coisas. O trabalho não cria apenas bens; ele também produz a si mesmo e o trabalhador como uma mercadoria, e deveras, na mesma proporção em que produz bens. Esse fato simplesmente subentende que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, agora se lhe opõe como um ser alienado, como uma força independente do produtor. Portanto o trabalhador é relacionado com o produto de seu trabalho como um objeto alienado (...) o trabalho produz inteligência, porém também estupidez e cretinice para os trabalhadores ³

Partindo do pressuposto que as lideranças dos movimentos populares são trabalhadores e que pertencem à classe trabalhadora, a qual passa pelo processo cada vez maior de exploração e exclusão; essa reflexão é fundamental para compreender, por exemplo, porque essas lideranças passam também por processos de alienação e não conseguem compreender a totalidade da sua prática. Assim requer cada vez mais a compreensão dos movimentos sociais, no sentido da formação teórica e prática constante dos seus militantes, bem como desenvolver processos democráticos radicais, que supere a alienação do trabalho, visto que os movimentos sociais correm o risco também de se tornarem produtores da alienação dos próprios militantes. Os processos formativos de Educação Popular se dão efetivamente em práticas educativas junto aos movimentos sociais populares. A reflexão sobre o trabalho constitui assim um conhecimento significativo nas práticas educativas e organizativas destes movimentos.

A esse respeito Leandro Konder (2009, p. 65) analisou o processo histórico da alienação desenvolvida pela relação eminente no processo de divisão de trabalho. Essa divisão segundo o autor foi negativa para o trabalhador, sendo evidente que esse processo histórico não foi de modo natural sem intencionalidade. Na verdade, esteve sempre presente como forma de dominação de classe. Segundo esse autor

o homem primitivo tinha a visão de um todo uno, porque indeterminado. E vivia em unidade orgânica com o seu grupo porque não tinha com os demais – e nem podia ter – qualquer contradição derivada de interesse de classe. A revolução neolítica marcou a

conquista da capacidade de diferenciar pelo pensamento humano [...] A separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual cava um abismo entre teoria e prática, provocando o exílio da teoria para fora da prática e instaurando formas de atividade das quais a teoria tinha de estar banida. De dois aspectos de uma mesma realidade – a práxis humana – a teoria e a prática passam a ter duas realidades independentes, capazes de se estranhar reciprocamente. A consciência divorciada da prática marca, no homem, a alienação.

O exposto acima nos faz refletir da necessidade contínua dos processos formativos de Educação Popular superar uma visão localista e fragmentária do fazer educativo e cultural dos movimentos sociais populares. Nesse sentido é fundamental uma visão global dos processos sociais e históricos em que permita superar e transformar a sociedade em geral influenciada pelos processos de alienação do trabalho inserido no capitalismo global. Muitos movimentos sociais têm repetido e reproduzido diversos processos culturais inerentes aos valores capitalistas, ao ponto de alguns deixarem de existir, devido a influência do individualismo e da necessidade de alguns membros defenderem seus interesses particulares, em detrimento da coletividade. Isso provoca nas ações uma divisão entre os que sabem e o que não sabem, entre os ‘sábios’ e os ‘ignorantes’. E quase sempre os que sabem concentram o conhecimento e o processo organizativo de acordo com os seus interesses, e não da organização coletiva. Por não contribuir por uma ação ampla e coletiva, muitas vezes as ações tornam-se fragmentárias e enfraquece o trabalho educativo e organizativo do movimento, sem estar coletivamente comprometido com as transformações das condições desumana de vida. O trabalho educativo dos movimentos sociais, e por conseguinte da Educação Popular só é consciente quando seu processo educativo estar ligado diretamente ligado a ações concretas de transformação da realidade que é coletiva e social; e não particular e individual.

Paolo Nosella (1989) contribui nessa análise mostrando que a abordagem da categoria trabalho pelo método histórico dialético, nega de saída que se trata de uma concepção historicamente homogênea, isto é, a noção de trabalho não é uma vaga ideia que se aplica indistintamente a qualquer atividade que o homem faz para sobreviver. A história, pelo contrário força a diferenciar e qualificar ao longo dos séculos as diferentes formas e concepções de trabalho humano. Assim ele constatou o seguinte:

Na idade média o trabalho humano era concebido como estigma fatal e castigo. A partir dos séculos XV e XVI o trabalho exige do homem cada vez menos habilidades das mãos, e cada vez mais a livre disponibilidade do corpo, ou seja, é a poieis grega, o Labor. Contudo, a partir do século XVIII os operários começam a perceber que a máquina não estava tão a favor do trabalhador. Perceberam os trabalhadores que as máquinas tinham vínculos e compromissos políticos com o capital e, por causa disso, acabavam sendo hostis a eles. A partir de Marx, há uma nova compreensão científica de que a relação produtiva é sempre relação humana e política, subverte, portanto, toda explicação tecnicista mecânica, funcional da relação de trabalho e supera o conceito burguês do trabalho. Nessa perspectiva, a nova concepção de trabalho dos séculos XIX e XX; na forma como a classe trabalhadora a elaborou, é essencialmente o conjunto das atividades sociais, marcadas pela superação da divisão entre teoria e prática. Neste sentido, saber se relacionar com a máquina é, sobretudo, possuir conhecimento científico, tecnológico e político⁴.

A importância dessa análise está no sentido de superar o sentido localista e empirista de algumas práticas de Educação Popular que não se consegue ter a compreensão histórica sobre os conhecimentos necessários ao trabalho das organizações sociais vinculadas à classe trabalhadora. Assim, torna-se um

desafio a essas organizações, diante das suas limitações a lógica do capital internacional e da fragmentação que muitos movimentos de educação popular se encontram submetidos.

No texto *Por Uma Pedagogia da Pergunta*, Paulo Freire (1995, p. 53) ao dialogar com Antônio Faundez mostrou a racionalidade do trabalho capitalista num processo que não é educativo, que lhe nega os processos criativos. Exige que o operário não responda criativamente aos problemas que a realidade concreta impõe a essa racionalidade abstrata. Nesse sentido a racionalidade criativa do processo educativo seria uma possibilidade da superação da subordinação da classe trabalhadora historicamente instituída. A esse respeito Paulo Freire concluiu:

Neste sentido, será tão mais eficiente o trabalho que, respondendo a exigência de maior produtividade na perspectiva capitalista, não pergunta nem se pergunte e pouco saiba mais além da tarefa rotineira que a produção em série lhe atribua. Em nome da eficiência, da produtividade, o que se faz é a burocratização da mente ou da consciência ou da capacidade criadora do operário. No fundo essa é uma educação que reproduz o autoritarismo do modo de produção capitalista. É lamentável observar como educadores progressistas, ao analisar e ao combater a reprodução da ideologia dominante, dentro da escola, reproduzem a ideologia autoritária embutida no modo capitalista de produção.

Paulo Freire, portanto, traz à tona um debate que parece que a onda pós-moderna quer acabar, ou seja, as relações de exploração de trabalho nos processos educativos e nas suas instituições entre elas a fábrica, a escola e para fins deste trabalho os movimentos sociais. Destacamos que os movimentos sociais populares que desenvolvem processos formativos de educação popular, assim como ONGs que são centros de assessoria e formação de educação popular podem reproduzir as relações de exploração de trabalho, destruindo assim todo o trabalho educativo, na medida em que as relações de trabalho não são coerentes com os processos de formação. Portanto o trabalho educativo deve estar intrinsecamente inserido no trabalho organizativo do ponto de vista de uma educação qualitativamente criadora e transformadora. Assim sendo o formativo é organizativo e o organizativo é formativo. Não podemos separar esses dois processos. Por mais que seja transformadora uma prática educativa, se não estiver alicerçada num processo organizativo democrático e transparente torna-se frágil.

A Educação Popular, enquanto finalidade está diretamente vinculada à transformação radical da sociedade como afirma István Mészáros ao fazer à crítica as tentativas reformistas social e educacional. Para ele

o capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade sistêmica, é totalmente incorrigível... Limitar uma mudança educacional radical, às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, consciente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa... É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente.

Aqui acreditamos que a Educação Popular historicamente no Brasil construiu proposições significativas desde a alfabetização de jovens e adultos, principalmente com a orientação freireana no início dos anos de 1960, bem como as escolas comunitárias no Brasil inseridas nos trabalhos educativos e organizativos dos movimentos sociais, entre outros.

Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Indignação*, ao expor suas idéias sobre a invasão do colonizador na América e no Brasil afirmou a melhor maneira de festejar os 500 anos de invasão cultural no Brasil seria homenagear a coragem, a rebeldia, a decisão de brigar, a bravura, a capacidade de lutar contra o invasor; a paixão pela liberdade, de índios e índias, de negros e negras, de brancos e brancas, de mamelucos que, tiveram seus corpos rasgados, seus sonhos despedaçados, suas vidas roubadas. Em seguida ao se referir aos dias de hoje diz: “seus gestos de rebeldia se repetem hoje na luta dos sem terra, dos sem escola, dos sem casa, dos favelados, na luta contra a discriminação racial, contra a discriminação de classe de sexo.”. Esse texto sugere para a realidade atual os movimentos de Educação Popular que hoje, principalmente no Nordeste brasileiro está presente nas diversas lutas contra a exclusão estrutural presente de forma global.

Hoje vivemos numa realidade seja fragmentada, seja virtual em que os aspectos mais universais estão sendo colocados a reboque pela história do cotidiano, pelo pós-modernismo. Este aspecto é tratado no livro *Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. Neste texto Fredric Jameson vai mostrar que “os últimos anos têm sido marcados por um milenarismo invertido segundo o qual os prognósticos, catastróficos ou redencionistas, a respeito do futuro foram substituídos por decretos sobre o fim disto ou daquilo, o fim da ideologia, da arte, ou das classes sociais.” Em conjunto, é possível que tudo isso configure o que se denomina de pós-modernismo.

A compreensão deste pressuposto marxiano nem sempre é entendido na sua totalidade. A análise de caráter de classe representa uma significativa contribuição da teoria marxiana contemporânea. Para compreender melhor a objetividade desta categoria, no sentido de superar algumas interpretações pós-modernas reducionistas é fundamental a análise de Fredric Jameson (1997, p. 323), para identificar os proletários dos dias atuais. Segundo ele

As representações da categoria grupo são acima de tudo, antropomórficas, diferentemente da representação da categoria classes sociais, nos dão a entender que o mundo social é totalmente dividido até o último segmento por seus atores coletivos e representantes alegóricos. Os paradoxos representacionais inerentes a qualquer narrativa cuja categoria fundamental seja o grupo pós-moderno podem ser articulados como se segue: uma vez que as ideologias dos grupos surgem juntamente com a morte do sujeito; na era do feminismo, a estética do fragmentário – a consequência será que estes novos personagens coletivos, não podem mais por definição, ser sujeitos da história. No entanto Marx, na introdução da crítica da filosofia do direito, em um notável salto filosófico descobriu exatamente este novo sujeito – o proletariado. A formulação do jovem Marx foi então mantida para designar os sujeitos marginalizados da nossa época: os negros, as mulheres, os estudantes, os desempregados e excluídos do Terceiro Mundo.

Esta análise é fundamental, pois possibilita perceber que a fragmentação das práticas dos movimentos sociais é um desafio a ser superado além da perspectiva pós-moderna; para as ONGs que assessoram estes movimentos. Aqui queremos destacar o desafio que têm os sujeitos que desenvolvem práticas educativas de Educação Popular, no sentido de compreender o movimento da História, principalmente de ter uma inserção de forma crítica. Hoje percebemos um aumento de destruição de movimentos populares, de ONGs historicamente que lutavam pela transformação concreta da realidade e, devido a interesses privados ou espontâneos aderem as idéias individualistas e destrutivas do mercado.

Acreditamos, portanto, que os movimentos de Educação Popular de hoje deverão estar vinculados as classes populares, aos movimentos populares e a Universidade.

Telma Guimarães Miranda (1997) localiza o sentido primeiro da bibliografia brasileira de movimentos sociais, na escola (instituição) que parece a responsável pela formação da maioria dos cientistas sociais que trabalham na sua tese, ou seja, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Sua tese, neste sentido, constitui-se uma referência fundamental para a compreensão dos estudos dos movimentos sociais no Brasil. Contudo neste trabalho nos limitamos à contribuição da análise marxiana, tendo em Florestan Fernandes seu principal representante.

Outro aspecto importante da teoria marxista para análise dos movimentos sociais encontra-se no conceito de historicidade. Octávio Ianni (1988; apud Miranda, 1997:476) ressalta que a historicidade do regime capitalista não é aquela que aparece na sucessão temporal, ou cronológica, dos acontecimentos, relações, processos ou estruturas. A historicidade do objeto, na análise dialética, é dada pelo jogo dos antagonismos produzidos no desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção.

Miranda tendo em vista as análises desse autor afirma:

a bibliografia brasileira de movimentos sociais salvo raríssimas exceções, não faz referência aos determinantes estruturais que condicionam e tornam as lutas sociais incapazes de provocar alterações nas desigualdades existentes e que são fruto da forma como o capitalismo aqui se desenvolve. Quando potencializam os efeitos dos movimentos, está presente o viés analítico de esquecerem da estrutura social vigente.

Neste sentido destaca que “via de regra”, a bibliografia dos movimentos sociais no Brasil não apreende a historicidade da formação e do desenvolvimento das lutas sociais, limitando-se a aparência de suas relações constitutivas. A falta de vinculação, em âmbito interno, entre práticas de ação coletiva e estrutura sócio-econômica, e, em âmbito interno-externo, entre formações sociais dependentes e divisão internacional do trabalho, são limites claros explorados na bibliografia estudada e responsáveis pela perda de uma dimensão essencial da história: a historicidade.

É o ponto de vista sociológico crítico que a autora toma como fundamental, para radicar em Florestan Fernandes a origem das influências sobre os modos de pensar dos sociólogos que, a partir de 1977, trabalham a temática dos movimentos sociais no Brasil. Mostra que a principal conotação teórica da obra de Florestan é dada pela ênfase nas forças e relações sociais

Em toda sua produção sociológica, Florestan Fernandes sempre considera as forças sociais e suas relações referidas ao econômico, ao político e ao cultural. Variam os enfoques adotados e, conseqüentemente, a relevância analítica atribuída às forças sociais. Variam também as dimensões que são privilegiadas dependendo do objeto do estudo. Quando, porém, Florestan Fernandes teoriza o subdesenvolvimento em termos de capitalismo dependente traz as classes sociais para o centro de sua formulação teórica, conferindo a elas um papel decisivo.

Limoeiro Cardoso afirma que já em 1960, Florestan apontava para a necessidade da inclusão das classes sociais no esquema analítico. Com isso Florestan Fernandes quer dizer que o desenvolvimento é construído pelos homens, dependendo, pois, de sua consciência social. Para Florestan, a consciência é pensada em termos das classes sociais a que as pessoas pertencem. As classes sociais, para ele, diferenciam-se por seus interesses. O que motiva a aglutinação dos moradores em movimentos sociais, é a

consciência das carências relativas a elementos vitais dos quais os moradores dos bairros periféricos são excluídos Comparando a sua situação com a de outras classes e com o progresso da cidade como um todo, sentem-se excluídos e com direito de reivindicarem para obterem melhorias em sua qualidade de vida. Isso motiva a organização e a deflagração de ações reivindicativas, dando conteúdo aos movimentos sociais das classes populares.⁵

Miranda (1997) destaca que “na medida que fazemos uma síntese provisória global, ousamos acreditar que damos uma contribuição original ao tratamento dos movimentos sociais na perspectiva marxista”⁶. É nessa perspectiva que este trabalho vai analisar os movimentos sociais, pois permite identificar os movimentos sociais no âmbito das lutas sociais, que vai além do viés simplista, localizado, já identificado nessa análise.

Referências

- ANTUNES, Ricardo (Org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FREIRE, P. & FAUNDES, A. **Por uma Pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. & FAUNDES, A. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- JAMESON, F. **Pós-Modernismo: A Lógica do Capitalismo Tardio**. 2ª Ed. São Paulo, 1997.
- KONDER, Leandro. **Marxismo e Alienação**. Contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. In: E. Fromm. **Conceito marxista do homem**, p.90-2.
- MÉSZAROS, I. **Desemprego e Precarização um grande desafio para a esquerda**. IN: _____ ANTUNES, R (ORG). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. São Paulo: BOITEMPO, 2006.
- MÉSZAROS, I. **A Educação Para Além do Capital**.
- NOSSELA, P. Trabalho e educação. In: GOMES, C. M. **Trabalho e conhecimento:dilemas na educação do trabalhador**.

Notas

- ¹ Professor do curso de licenciatura em Física do Instituto Federal de Sergipe. Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes-SE, mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2003) e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (1999). CV: <http://lattes.cnpq.br/9506554890634439> Email: acacioian@zipmail.com.br
- ² Bolsista Mestranda PROCAPS/UNIT no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT) na Linha de Educação e Formação Docente. Formada em Letras - Inglês pela Universidade Tiradentes. Foi bolsista PROBIC/UNIT (2017-2018) e novamente bolsista PIBIC/CNPq (2018-2018) em projeto de Iniciação Científica pelo programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Integrante do grupo de pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN). CV: <http://lattes.cnpq.br/1301991432753509> E-mail: b.martinsgomes@gmail.com
- ³ MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. In: E. Fromm. Conceito marxista do homem, p. 90-2.
- ⁴ NOSSELA, P. Trabalho e educação. In: GOMES, C. M. Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador, p. 29.
- ⁵ CARDOSO, M. L. Apud. Ibid. p. 411.
- ⁶ MIRANDA, T. G. op. cit. v.2, p. 385.

Recebido em: 02.10.2020
Aprovado em: 20.04.2020